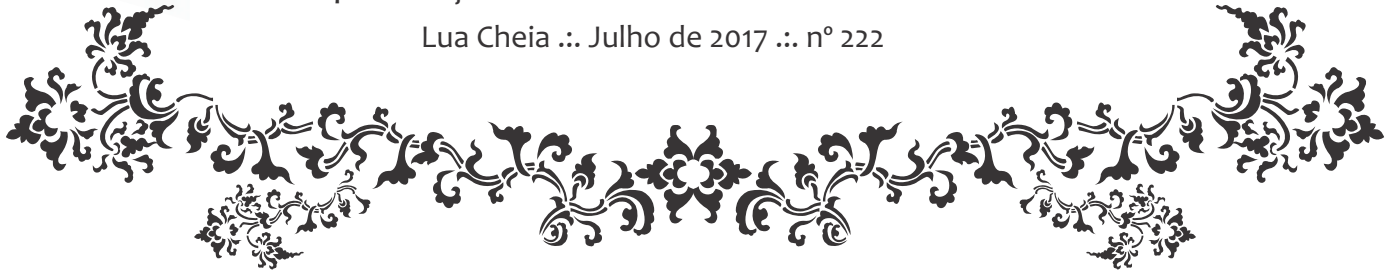




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia ... Julho de 2017 ... nº 222



Athena e Medusa: uma complementação de opostos

Por Mirella Faur

N na arte clássica grega existem duas diferentes apresentações de Athena. A imagem mais familiar é a da Deusa severa, paramentada com armadura, elmo e escudo, a virgem invicta e guardiã de Atenas, que protege as batalhas e os heróis. Já a mais antiga a mostra como uma Deusa majestosa, com o manto e os cabelos decorados com serpentes e um fuso na mão esquerda. No entanto, mesmo a figura guerreira guarda as memórias arcaicas da sua verdadeira origem, que aparecem na cabeça da górgone com cabelos de serpentes, existente no seu escudo chamado Gorgoneion.

Essa é a revelação da descendência de Athena, herdeira da Deusa minoana das serpentes, cultuada um milênio antes do mito patriarcal transformá-la na filha nascida da cabeça do seu pai Zeus, surgindo totalmente armada e pronta para a batalha. Os mitos mais recentes descrevem a górgone como um monstro atemorizador,

vencido e morto pelo herói Perseu, que após decapitá-la, entregou à Deusa Athena sua cabeça como gratidão pela ajuda recebida.

Analisando detalhes do seu nascimento descobrimos que a mãe de Athena era a deusa Metis, uma das esposas de Zeus, que a engoliu, temendo que o filho que ela carregava no ventre pudesse destroná-

lo, assim como ele tinha feito com o seu progenitor Chronos. Sofrendo de atroz dores de cabeça Zeus pediu ajuda ao deus ferreiro Hefaisto, que lhe abriu a cabeça com seu machado e dela emergiu Athena, defensora da ordem patriarcal e não sua opositora.

É evidente a metáfora que descreve o predomínio do

direito paterno e patriarcal sobre a antiga ordem da sociedade matrilinear e matrifocal. Vemos nisso uma semelhança com o nascimento de Eva da costela de Adão, o primogênito; tanto Eva quanto Athena sendo associadas a serpentes.

Em grego, Athena pode ser compreendida como Thea, a Deusa, que também deu origem ao nome da cidade por Ela patrocinada. Seu segundo nome, Pallas, significa “virgem”, pois em nenhum mito é feita qualquer referência à sua condição de mãe, sendo sempre conselheira, protetora e amiga de heróis e reis.

Uma antiga imagem minoana do período neolítico a retrata como uma Deusa alada e com cabeça de pássaro. A transformação de Athena, de uma Deusa pássaro e serpente em uma Deusa guerreira que negou a sua filiação materna, ocorreu ao longo dos dois milênios de influências indo-européias e orientais na



Grécia. O nome da sua mãe – Metis – permaneceu no seu atributo “sabedoria” ou “aconselhamento prático”. A origem serpentina de Athena aparece ocultada na lenda da Medusa que foi transformada pelo patriarcado na terrível górgone cujo olhar petrificava os homens.

Na realidade Medusa era neta de Gaia, seu nome significava Senhora ou Rainha, sendo a Deusa serpente das Amazonas da Líbia, uma das três irmãs górgones cujo cabelo encaracolado era semelhante a uma coroa de serpentes. Elas protegiam os mistérios matrifocais antigos e os limites dos lugares sagrados. Em uma inscrição antiga Medusa era chamada “Mãe dos Deuses, passado, presente, futuro, tudo o que foi, é e será” (frase posteriormente copiada pelos cristãos para definir Deus).

Sua sabedoria era resumida nesta frase: “nenhum mortal foi capaz de levantar o véu que Me oculta”, por Ela ser a própria morte, sendo o aspecto destruidor da deusa tríplice. Outro significado da sua face oculta e perigosa era o tabu menstrual, pois os povos antigos temiam o poder mágico do sangue menstrual, que podia criar e destruir a vida. A serpente é um antigo símbolo da sabedoria feminina e também representa o poder da energia Kundalini, a capacidade de transmutação e regeneração.

Originariamente a cabeça da górgone era encontrada na entrada dos templos como um escudo de proteção, a górgone arcaica representando uma trindade lunar formada por sabedoria, força e proteção. A lenda conta que o sangue de Medusa - que tanto servia para curar

como para matar - foi colhido dos seus dois lados (esquerdo e direito) colocado em duas ânforas e dado a Asclépio e à sua filha Hygéia, deuses da cura. A imagem das duas serpentes entrelaçadas existente no caduceu (o bastão das divindades de cura) simboliza o conceito de vida e morte, a polaridade masculino/ feminino, esquerda/ direita, a representação da hélice dupla do DNA. Os antigos símbolos da deusa serpente minoana sobreviveram na ordem patriarcal apenas no seu aspecto escuro e ameaçador (principalmente para os homens, que ficavam paralisados pelo poder do olhar da Medusa).



Um mito antigo atribui à Medusa o nascimento de Pégaso, o cavalo alado, como fruto da sua união com Poseidon, ambos metamorfoseados em eqüinos (cavalo e égua). Outro mito mais recente descreve sua criação do sangue jorrando do pescoço de Medusa quando a sua cabeça foi cortada pela espada brilhante de Perseu. A vitória de Perseu é vista como uma ode à vitória da luz sobre os terrores da escuridão e das serpentes, reforçando assim a dicotomia entre luz e sombra, masculino e feminino, Sol e Lua.

Compete às atuais sacerdotisas e seguidoras da Deusa compreender a complexa polaridade deste mito não como um conflito entre o arquétipo patriarcal de Athena e a sua antiga origem lunar e górgonica, mas uma complementação de opostos personificados por Athena - o aspecto solar, guerreiro, criativo, heróico - e Medusa, sua contraparte lunar, passiva, obscura e misteriosa, mas igualmente poderosa.



Roda de Cura

Por Shirley de Medeiros

Domingo é dia de parque e de Constelação Familiar!

Que você acha de fazer aquele belo passeio ao parque no domingo e aproveitar para participar de uma Constelação Familiar? Essa é a proposta oferecida pela Terapeuta Quântica e sacerdotisa da Teia de Thea Vivian Lott. “Meu trabalho como consteladora traz o diferencial que a prática na natureza possibilita: contar

com a força dos elementais e ativar uma energia que produz resultados rápidos e profundos”, explica ela.

As sessões, que ocorrem no Parque Olhos D'água, também integram os conceitos da Nova Constelação Familiar. Atualizado pelo próprio criador da Constelação Familiar e Sistêmica, Bert Hellinger, o novo modelo da

técnica permite que o desdobramento da sessão flua naturalmente, sem a necessidade de se delimitar detalhadamente temas e problemas a serem tratados previamente. Dessa forma, o facilitador, quem está fazendo sua constelação pessoal e o grupo que participa deixam-se guiar pela energia e temas que se apresentam durante a vivência, confiando na força superior que se manifesta e perpetua a cura no campo.

Vivian também une à terapia as vibrações energéticas do Magnified Healing (Cura Magnificada) - uma ferramenta ligada aos Mestres Ascensos da Grande Fraternidade Branca Universal - e seus estudos com a Apometria. "Somos seres espirituais e a constelação atua tanto na carga que herdamos de nossos ancestrais quanto na nossa experiência em vidas passadas", afirma. Segundo ela, a integração das práticas espirituais com a técnica da Constelação tem gerado efeitos surpreendentes. "Conseguimos resultados muito rápidos, pois as novas ferramentas de cura estão aí para serem utilizadas, nos alinhando às mudanças energéticas do planeta", ressalta.

A sacerdotisa da Teia de Thea Verena Santiago já participou de algumas sessões, e retornou levando a mãe, o marido e uma prima. "Para mim, o parque já é um poderoso portal energético e o trabalho com os elementais me traz muita força e sentido já que sou uma sacerdotisa", explica Verena. Um dos formatos oferecido por Vivian - que organiza Constelações coletivas, onde mais de uma pessoa traz um incomodo específico para ser "constelado" - também a agradou. "Acho o valor mais acessível e possibilita que, aos poucos, a gente vá tratando as questões que irão se manifestando", afirma Verena.

As leis da Ordem do Amor na Constelação Familiar – Para a Constelação Familiar nossa família é um sistema, um campo energético no qual nascemos e evoluímos. Dessa forma, a base do trabalho de Constelação Familiar utiliza a três leis do amor:

- **Pertencimento:** Cada ente familiar, desde seu nascimento, é uma parte desse todo e precisa ter o seu lugar reconhecido e tomado, independente de quem seja e como seja. Todos são parte e todos pertencem;

- **Hierarquia:** Quem entrou primeiro em um sistema tem precedência sobre quem entrou depois. Há uma hierarquia de tempo, os mais

antigos vêm primeiro e na sequência os mais novos;

- **Equilíbrio:** equilíbrio entre dar e receber em todas as relações, de acordo com as leis familiares. "Nesse caso, só os pais podem dar sem limites, sem se exaurir", explica Vivian.

Em uma sessão de Constelação os "desajustes" a essas leis na estrutura familiar vão se "mostrando" durante a vivência e sendo realinhados, possibilitando que o fluxo do amor se reequilibre e promova a cura. O grupo que se forma participa observando e as pessoas podem ser convidadas por quem está constelando a representar um ente da família ou uma questão que se apresentou. Os resultados e a atuação do "campo energético" que se abriu serve para todos, trabalhando, inclusive, questões de todas as pessoas presentes.

UnB – Atualmente, Vivian desenvolve também um projeto de extensão na Universidade de Brasília (UnB) com a Constelação Familiar junto à faculdade de Psicologia. "A constelação já foi adotada como prática pelo Judiciário e acho muito importante que essa técnica chegue agora também à academia. Fico muito feliz com o reconhecimento e expansão dessa terapia. Ela tem se mostrado uma importante ferramenta de cura, com resultados significativos e imediatos", defende a terapeuta.

Venha conhecer:

Domingos: Parque Olhos D'água, 413/414 norte, das 10h ao meio dia.

Quintas-feiras: Universidade de Brasília (UnB), Praça do Instituto de Biologia. Das 18h30 às 21h.

Energia de troca:

Constelação coletiva – 30 reais

Constelação individual – 330 reais

Informações: Vivian Lott (61) 98315-2005





Templo das Musas

Levante o véu

Por Amandara Yin

Levante o véu!

Eu sou a coragem afortunada

Descortinando a ilusão...

Sou a luz do mundo

Sofrido

Corrido

Sem visão.

Que passa pelos labirintos desse iceberg

Profundo e desconhecido

Desbravando sons e cores

Num ritmo de sensação.

Sou cavaleira armada

Pronta para desabrochar

Minhas pétalas em teu olhar,

Quando não, sair e agradecer

Por ser livre e viver,

Acreditando na luta

Na lua,

Nas serpentes protetoras

Da minha mente e conduta.

Levante o véu!

E manifeste a integral força

Parida pela prudência

Protegida pela virtude

Ao conceito que alude

Na filosofia e coerência.

Sendo filha da razão

O sim e o não

O bem e o mal

Sem nenhuma convenção

Senso comum e a ciência

A junção de tudo que há

Razão e intuição

Dando vida a consciência.



Próximos Rituais



Celebração de Lamas
Festival da Colheira

Dia 1º de agosto (terça-feira) às 20h

..: Aberta também aos homens ..:



Noite de Hécate

Dia 13 de agosto (domingo) às 20h

..: Somente para Mulheres ..:



Plenilúnio: Celebração da
Deusa asteca Tonantzin

Dia 6 de setembro (quarta-feira)
às 20h

..: Somente para Mulheres ..:

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF

Não indicado para crianças

Usar agasalhos, local ao ar livre e frio.

Energia de troca R\$ 20,00

Informações: +55 61 98233-7949

Pedimos a gentileza de não fotografar, filmar, gravar ou realizar qualquer outra forma de registro antes, durante ou após os rituais, sem autorização da Teia de Thea.

Expediente Jornal Deusa Viva

Edição:

Cristiane Madeira Ximenes, Shirley Medeiros e
Stella da Matta Machado

Diagramação:

Stella da Matta Machado e Cristiane Madeira Ximenes

Textos:

Mirella Faur, Shirley Medeiros e Amandara Yin

Imagens:

Rede mundial de computadores

Informações: www.teiadethea.org

Contatos: Telefone (61) 98233-7949

E-mail: teiadethea@teiadethea.org

Envie suas sugestões, críticas
ou elogios para:

deusaviva@teiadethea.org

Imagens da Deusa pelo Mundo

Por Shirley de Medeiros

Um artigo publicado no último ano divulgou que recentes escavações ocorridas na região de Catalhoyok na Turquia descobriram uma estatueta rara na forma do corpo de uma mulher. Do período Neolítico, com 17 cm de altura e pesando 1 kg, a imagem feita de mármore foi encontrada intacta e é considerada uma raridade, pois estima-se que sua origem date de 5500 a 8000 a.C.

O antropólogo Ian Hodder da Universidade de Stanford é o responsável pela equipe internacional de arqueólogos que trabalha no local e acredita que a estátua era um item importante para a população que viveu ali. “Ao contrário de outros encontrados em covas de lixo [...] esta estatueta foi encontrada debaixo de uma plataforma junto com um pedaço de obsidiana, o que sugere que ela pode ter sido colocada lá como parte de algum ritual”, observou o pesquisador. Para ele, o objeto pode representar uma mulher mais velha que tinha um status elevado em sua sociedade.

Segundo o texto, Hodder defende uma hipótese de igualdade entre homens e mulheres nas sociedades estudadas por ele. “Graças a modernas técnicas científicas, temos visto que as mulheres e os homens comiam alimentos semelhantes, viviam vidas semelhantes e trabalhavam em atividades similares. A mesma estatura social era dada a homens e mulheres.”



Com origens desde o Paleolítico, estatuetas semelhantes retratando mulheres foram desenterradas em uma variedade de locais, como França, Sibéria, Alemanha, Espanha e diversos outros sítios arqueológicos pelo mundo. Muitas são descritas na literatura acadêmica como “figuras de Vênus” ou apenas uma simbologia voltada à fertilidade.

O mesmo artigo destaca, inclusive, que o verdadeiro contexto das estatuetas ainda é incerto. “Algumas das diferentes teorias apresentadas incluem símbolos de fertilidade, autorretratos, bonecas da Idade da Pedra, representações de mulheres reais, representações ideais de beleza feminina, ícones religiosos, representações de uma deusa-mãe ou até mesmo o equivalente a imagens pornográficas.”

Leia o artigo na íntegra: [www.ancient-origins.net \(Another Venus?\)](http://www.ancient-origins.net/AnotherVenus?)

Acima: Estatueta encontrada recentemente na Turquia: Nova Vênus?

Abaixo, à esquerda: Estatueta de uma Deusa Mãe sentada com duas leas também encontrada Catalhoyok, com idade estimada em cerca 6000-5500 a.C.

Abaixo, à direita: Algumas das estatuetas de “Vênus” encontradas na Europa.

